



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

IZANDRA BISPO DE SOUSA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

JOÃO PESSOA
2024

IZANDRA BISPO DE SOUSA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Suelídia Maria Calaça

JOÃO PESSOA
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S725c Sousa, Izandra Bispo de.

A contação de histórias na Educação de Jovens e Adultos (EJA) / Izandra Bispo de Sousa. - João Pessoa, 2024.

47 f. : il.

Orientação: Suelídia Maria Calaça.

Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Contação de histórias. 2. Alfabetização de adultos. 3. Educação popular. 4. Formação do leitor. I. Calaça, Suelídia Maria. II. Título.

UFPB/CE

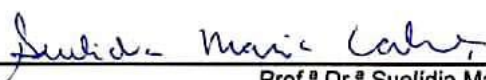
CDU 374.7(043.2)

IZANDRA BISPO DE SOUSA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Suelidia Maria Calaça
UFPB/DME/CE
(Orientadora)


Prof.ª Dr.ª Marinês Andrea Kunz
UFPB/DME/CE
(Membro da banca examinadora)


Prof.ª Dr.ª Roseane Maria de Amorim
UFPB/DFE/CE
(Membro da banca examinadora)

JOÃO PESSOA
2024

Dedico este trabalho à minha mãe Maria
José Bispo dos Santos, ao meu pai
Ilmacivan Maciel de Sousa Silva e aos
meus irmãos.

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu “saber de experiência feito” que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso, intitulado *A contação de histórias na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*, objetiva compreender a contação de histórias como uma prática de ensino relevante para a formação de leitores(as) no campo da alfabetização de jovens e adultos, na perspectiva da Educação Popular (EP). O exercício pedagógico da contação de histórias é significativo na medida que, através dela, os(as) educando(as) conseguem ler criticamente o mundo à sua volta, aprender mais sobre si mesmos e escrever um outro mundo no qual possam viver. O ato de contar histórias deve ser uma prática recorrente no espaço formal de educação, assim como a leitura de histórias, mediada pela voz do(a) educador(a) um ser contribuinte nesse processo de desenvolvimento. O presente trabalho ressalta que, contar uma história é diferente de ler uma história, mas na instituição escolar, há espaço para as duas práticas, visto que ambas, complementam-se. Acerca da fundamentação metodológica, a pesquisa utiliza abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, baseada nas produções de autores, tais como: Freire (1987, 1996), Fávero (2013) e Pimentel (1995), dentre outros(as), priorizando as discussões no cenário político e sociocultural do Brasil, entre 1930-1964, período ao qual se vincula a consolidação da Educação Popular a partir do contexto da EJA.

Palavras-chave: contação de histórias; alfabetização de adultos; educação popular; formação do leitor.

ABSTRACT

This final course work, entitled *Storytelling in Youth and Adult Education (EJA)*, aims to understand storytelling as a relevant teaching practice for the formation of readers in the field of youth and adult literacy, from the perspective of Popular Education (EP). The pedagogical exercise of storytelling is significant insofar as, through it, students are able to critically read the world around them, learn more about themselves and write another world in which they can live. The act of storytelling should be a recurring practice in the formal education space, as well as the reading of stories, mediated by the voice of the educator, a contributing being in this development process. This work highlights that telling a story is different from reading a story, but in the school institution, there is space for both practices, since both complement each other. Regarding the methodological basis, the research uses a qualitative approach, of a bibliographic nature, based on the productions of authors such as: Freire (1987, 1996), Fávero (2013) and Pimentel (1995), among others, prioritizing discussions in the political and sociocultural scenario of Brazil, between 1930-1964, a period to which the consolidation of Popular Education is linked from the context of EJA.

Keywords: storytelling; adult literacy; popular education; reader training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 ASPECTOS CARACTERÍSTICOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DOS SUJEITOS À METODOLOGIA.....	13
2.1 Movimentos Educacionais Populares.....	14
2.1.1 O Movimento de Cultura Popular (MCP).....	15
2.1.2 A Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler.....	16
2.1.3 O Movimento de Educação de Base (MEB).....	16
2.1.4 O Centro Popular de Cultura (CPC).....	16
2.1.5 A Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR).....	17
2.1.6 O Plano Nacional de Alfabetização (PNA).....	18
3 O LIVRO DE LEITURA PARA ADULTOS.....	20
3.1 Livro de Leitura para Adultos (MCP).....	20
3.1.1 Coletânea de Textos.....	22
3.2 De Pé no Chão Também se Aprende uma Profissão.....	24
3.2.1 Coletânea de Textos.....	25
3.3 Viver é Lutar.....	27
3.3.1 Coletânea de Textos.....	27
3.4 Livro de Leitura para Adultos (CPC).....	33
3.4.1 Coletânea de Textos.....	33
3.5 Força e Trabalho.....	35
3.5.1 Coletânea de Textos.....	36

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....39

REFERÊNCIAS.....43

ANEXOS.....45

1 INTRODUÇÃO

Os(as) educadores(as) em geral preocupados(as) com a educação, sobretudo aqueles(as) que buscam superar as formas tradicionais de ensino nas classes de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos (EJA), têm buscado metodologias e práticas pedagógicas capazes de tornar o processo de aprendizagem mais crítico-reflexivo, participativo e significativo de acordo com o universo cultural dos(as) educandos(as), respeitando e valorizando as experiências de vida de cada um(a) como elemento importante do processo educativo. Pensando assim, nessa perspectiva progressista, que este trabalho visa apresentar de forma descritiva e analítica, a *contação de histórias* como uma dessas práticas, que pode ser utilizada pelos(as) professores(as) nos espaços formais de educação - as escolas, onde os(as) alunos(as) sejam os sujeitos de sua própria aprendizagem, os quais possam através dela, serem capazes de ler o mundo à sua volta, aprender mais sobre si mesmos e escrever um outro mundo no qual possam viver.

A contação de histórias é uma ação que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa que aprecie narrativas, nos mais variados estilos e em diferentes lugares, mas na escola o seu papel é fundamental, quando utilizada adequadamente, torna-se uma prática reveladora de sabedorias e resgatadora da nossa profunda humanidade. Partindo disso, a pesquisa objetiva compreender a contação de histórias como uma prática de ensino relevante para a formação de leitores(as) no campo da alfabetização de jovens e adultos, na perspectiva da Educação Popular (EP). Assim também como, visa caracterizar os sujeitos e a metodologia da EJA e categorizar textos de caráter narrativo pertinentes ao público adulto, relacionando conteúdos temáticos a serem trabalhados no contexto da sala de aula.

Para tanto, pretendendo alcançar os objetivos mencionados, a metodologia do trabalho utiliza abordagem qualitativa, fundamentada através de revisão bibliográfica, decorrente de pesquisas teóricas anteriores, devidamente registradas, tomando como base as discussões apresentadas para novas reflexões (Severino, 2007).

É importante ressaltar que, a justificativa do tema dar-se por meio da pouca discussão na formação de professores(as), especificamente no curso de Pedagogia, no que concerne à contação de histórias para além do universo infantil. Esse problema tem levado conseqüentemente a escassez de professores(as) contadores(as) de

histórias no processo de escolarização dos(as) estudantes na modalidade EJA e ausência de pesquisas científicas nesse campo de atuação.

Partindo da experiência enquanto estudante do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, o interesse sobre a área da Educação de Jovens e Adultos surgiu após minha inserção em 2019 no Programa de Educação Tutorial “PET/Conexões de Saberes: Acesso e Permanência de Jovens de Origem popular à Universidade Diálogos Comunidade-Universidade”. Tal projeto integra atividades de pesquisa, ensino e extensão a partir de um grupo multidisciplinar constituído por bolsistas e voluntários(as) das diversas licenciaturas. Dentre as atividades, têm-se as pesquisas na área de Educação de Jovens e Adultos, na área de educação das licenciaturas específicas e Pedagogia; as discussões do grupo de estudos; o oferecimento do curso pré-universitário gratuito a jovens e adultos das camadas populares da cidade de João Pessoa e cidades circunvizinhas; os encontros mensais para discussão de temas pertinentes à formação política e cidadã de jovens e adultos de origem popular na universidade, e a atividade de alfabetização e letramento na EJA, esta última colaborando com a formação de alfabetizadores(as) do curso de Pedagogia.

Valendo do grupo de estudos, caracterizado por encontros semanais entre a professora-tutora, bolsistas e demais interessados(as), no qual possibilita aos(às) participantes aprofundar discussões que orientam a prática docente a partir do estudo teórico sobre educação, mais especificamente referente a Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Popular (EP) e Educação em Direitos Humanos (EDH). A atividade promove aos(às) integrantes espaço dialógico para expressarem seus entendimentos, dúvidas e desenvolverem novas compreensões sobre os eixos temáticos estudados. Nessa lógica, entre os(as) autores(as) estudados durante a trajetória no PET/Conexões de Saberes (2019-2024) que foram basilares no processo de formação docente e condução para o desenvolvimento deste trabalho, orientando reflexões aqui registradas, destacam-se: Freire (1987, 1996), Brandão (2009), Pinto (1982), Oliveira (1999), Arroyo (2017) e Streck (2014).

O contato inicial com a contação de histórias, da literatura infantil à literatura adulta, deu-se tardiamente na área de aprofundamento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mais especificamente na disciplina de Educação Popular em 2022. Através de uma experiência em sala de aula, onde a professora em dado momento, narrou uma das

adaptações da história indígena intitulada “A lenda do dia e da noite” do autor Rui de Oliveira, que explica como o dia se organizou em um período de sol e outro de escuridão, utilizando apenas os elementos significativos da voz, da memória e o instrumento técnico como suporte sonoro: pau de chuva¹. A narrativa contada carregada de emoção por meio dos gestos, do ritmo e entonação das palavras, proporcionou interação direta com os(as) interlocutores(as), atingindo-os de forma dinâmica e coreográfica, permitindo-os viajar através do ar – por trás dele como se existisse um filme (Koch; Elias, 2012), entre as figuras mitológicas como a grande serpente Boiuna, a indígena Tuilá e seu marido, Aruanã, e os elementos da natureza comuns na região em que os Karajás vivem – neste caso, o rio e o coco da palmeira tucumã. Em outro momento, coletivamente, foi aberto espaço para que fossem manifestados argumentos por meio de conversa sobre o assunto abordado. Por último, a turma dividida em duplas, desempenhou a ação de narrar histórias por meio de um texto escrito, que deveria ser apresentado a partir dos recursos técnicos de suporte disponíveis em sala de aula.

Desse modo, essa experiência descrita no componente curricular - dentre outras possíveis de usufruir significativamente - despertou conhecimentos adormecidos, por vezes esquecidos, ao longo do processo de formação docente na graduação de licenciatura em Pedagogia. Assim também como, provocou questionamentos a serem melhores discutidos neste trabalho.

Mais tarde, objetivando estudar melhor a prática de contar histórias, participei da Formação para Contadores de História I – Iniciante, realizada pelo Centro Estadual de Arte da Paraíba (CEART), organizada por meio da Biblioteca Juarez da Gama Batista em 2023. Esse curso fora da universidade, ampliou horizontes através de aspectos teóricos acerca da possibilidade de maior inserção da ação de contar histórias para adultos em espaços formais de educação, principalmente a partir dos contos populares da paraibana Luzia Teresa (1911–1983), também conhecida como a maior contadora de histórias da América Latina, ainda pouco (re)conhecida no estado paraibano, a qual obtém esse título por possuir ao menos 242 (duzentos e quarenta e duas) narrativas registradas ao longo de 05 (cinco) exemplares. Desses, 03 (três) foram publicados pela Thesaurus Editora, de Brasília, e 02 (dois)

¹ O pau de chuva é um instrumento musical de destaque na cultura das comunidades indígenas, composto por um longo e oco canudo de bambu ou madeira, onde se colocam várias sementes que, ao movimentar-se, produz ruídos semelhantes ao som da chuva.

permanecem inéditos e integram o acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (Nuppo) da UFPB, reunidas por meio de gravações realizadas por Altimar Pimentel (1936–2008), historiador, teatrólogo e folclorista brasileiro.

Portanto, diante da introdução deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), continuamente, a pesquisa estrutura-se através das seguintes partes: inicialmente, evidencia-se os aspectos característicos que compreendem a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no cenário político e sociocultural do Brasil, entre 1930-1964, período ao qual se vincula a consolidação da Educação Popular (EP). Em seguida, discute-se os materiais didáticos dos Movimentos Populares, a começar pelo livro de leitura para adultos do Movimento de Cultura Popular (MCP), cuja proposta de alfabetização parte de palavras, frases e textos relacionados ao universo cultural dos(as) educandos(as), mais especificamente sobre o mundo do “Trabalho”, visto que a grande maioria dos(as) alunos(as) adultos(as) são trabalhadores(as), do campo ou da cidade, desde a mais tenra idade. Por fim, as considerações finais, permeadas por reflexões teóricas acerca da contação de histórias a partir da perspectiva discutida em EP. É importante salientar que, são reduzidas as informações e pesquisas bibliográficas no âmbito da contação de histórias para o público adulto. Por essa razão, refere-se de modo breve neste trabalho de conclusão de curso.

Caro(a) leitor(a), este trabalho dirige-se a você que, de algum modo, se interessa por esta discussão no campo da alfabetização de jovens e adultos, trata-se de um tema sensível e importante, cuja finalidade pretende resgatar os valores de uma educação emancipatória e, em consequência, de uma sociedade mais justa, democrática e equitativa, com vista a constituição de um sistema ativo de ensino que corresponda aos desafios do mundo contemporâneo.

2 ASPECTOS CARACTERÍSTICOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DOS SUJEITOS À METODOLOGIA

Na história recente, da escolarização no Brasil, a Educação de Jovens e Adultos não tinha tratamento específico nos planos pedagógico-didáticos, os interesses da sociedade perpetuavam-se mais significativamente sob a ótica capitalista do nacional-desenvolvimentista a partir do contexto urbano-industrial do século XIX. O adulto analfabeto pertencente à parcela social mais pobre, era considerado um sujeito incapaz que não podia exercer seus direitos de cidadão, sem acesso aos bens culturais da sociedade letrada, voltado especificamente para o mercado de trabalho em ocupações de baixa qualificação profissional e baixa remuneração.

O campo da educação de jovens e adultos começou a ganhar notoriedade no Brasil a partir de 1932, com o Manifesto dos pioneiros em defesa da educação: leiga, nacional e gratuita. No entanto, a garantia desse direito é efetuada somente através do Plano Nacional de Educação (PNE), previsto pela Constituição de 1934, em nível primário integral, gratuito e de frequência obrigatória a todos os cidadãos.

Nesse contexto, de acordo com Haddad e Pierro (2000), grande parcela da sociedade apresentava ser constituída por pessoas iletradas, assim a escolarização passava a ser um poderoso instrumento de ação política, visto que com os precários índices de escolarização, o país mantinha-se atrasado nos aspectos político-econômicos quando comparado a outros países da América Latina ou do resto do mundo. A educação de adultos tornava-se então, condição necessária para o processo de regulamentação do Brasil, o qual somente seria possível por meio de uma nova configuração de trabalhador(a) e um novo tipo de sociedade.

Na década de 1940, o Estado considera o analfabetismo um problema de política nacional e aumenta suas atribuições em todo território brasileiro, com verbas vinculadas a iniciativas governamentais técnica-profissionalizante para adultos que não haviam obtido escolarização na idade apropriada (7 a 10 anos, na época). Segundo Fávero (2013, p. 50),

era normalmente oferecida a alfabetização em “classes de emergência”, com um currículo facilitado do ensino primário, a que se procurava associar uma iniciação ao trabalho. Para as populações rurais, propunha-se a “educação de base”, não raro também restrita à alfabetização.

A metodologia técnica instrucional adotada por esse modelo de educação, baseada em conhecimentos, como: ler, escrever e calcular, considerados como aprendizagens suficientes para o desenvolvimento do pensamento, não exigia esforços intelectuais, na mesma proporção, que também não potencializava a formação da consciência humana. Nessa logística, os conteúdos eram transferidos aos(as) alunos(as) fazendo com que eles(as) não fossem agentes de sua transformação, limitando-os apenas à mão de obra para a expansão do capitalismo, no modelo industrial do país.

Em detrimento disso, o homem e a mulher tinham uma falsa conscientização diante das situações concretas de injustiça que sofriam na condição de classe trabalhadora, levando-os a assumir “fanatismos destrutivos” da classe dominante como se fossem suas. O contrário disso, com a tomada de consciência, abria caminho à expressão das insatisfações sociais (Freire, 1987), o qual não era esse o objetivo. Por sua vez, a educação era pensada separada da cultura, na medida que havia um afastamento entre os interesses do(a) trabalhador(a) e daquilo que ele(a) produzia. A ausência dessa relação tem como uma de suas consequências, a falta de significação no processo de aprendizagem, já que esse modelo descontextualiza o ensino com relação à realidade dos sujeitos.

Com esses esforços empreendidos pelo Estado para lidar com o analfabetismo entre adultos, foram efetivadas diminuições nas taxas de analfabetismo, no entanto, não o suficiente, tendo em vista que ao final dos anos 50 do século XX cerca de 39,7% da população acima de quinze anos de idade, ainda permanecia sem a funcionalidade da leitura e da escrita.

2.1 Movimentos Educacionais Populares

No início da década de 1960, durante o desenvolvimentismo do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1960), a concepção de educação é (re)discutida em diálogo com a Educação Popular e a questão do analfabetismo passa a ser vista como consequência direta da pobreza, e de uma política de manutenção de desigualdades; frente a esse movimento, aceleram-se iniciativas de mobilizações de cunho educativo, junto às classes populares, mediadas por recursos financeiros advindos de cooperação de instituições como a igreja, partidos políticos, Centros de Educação Popular e escolas de formação de abrangência local, regional, nacional e latino-americana (Paludo, 2015).

Nessa ação política e sociocultural mais ampla, a figura do educador Paulo Freire (1921-1997) tem grande destaque, pois o mesmo percebendo a classe popular de sua época oprimida por um regime que impossibilitava os menos favorecidos a ter uma educação de qualidade capaz de emancipá-los a partir do desenvolvimento da consciência crítica-reflexiva sobre suas próprias histórias, os lugares os quais ocupam na sociedade, bem como as complexidades políticas e relações de poder que cercavam suas existências, via na educação popular uma possibilidade de libertação, que se daria por meio de um método de alfabetização, que fosse além de ensinar pessoas a lerem e repetirem palavras, que as ensinassem a lerem criticamente seu mundo através de sua própria cultura (Brandão; Fagundes, 2016).

O sentido da expressão cultura adotado, refere-se ao conjunto de ações, produções e manifestações de um determinado grupo de pessoas, que se dá por meio de múltiplas linguagens, podendo ser identificado na forma de falar, agir, pensar e expressar de cada um(a). Em vista disso, a cultura marca a visão de mundo, sendo a base de construção pelos quais os conhecimentos se organizam.

Dentre os movimentos emergentes no Brasil, que consolidaram progressos nos meios populares, no âmbito do Estado ou sob seu financiamento, pode-se citar: o Movimento de Cultura Popular (MCP), a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, o Movimento de Educação de Base (MEB), o Centro Popular de Cultura (CPC), a Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR) e o Plano Nacional de Alfabetização (PNA).

2.1.1 O Movimento de Cultura Popular (MCP)

O MPC foi criado inicialmente em Recife (PE), por um grupo de intelectuais e artistas pernambucanos, incluindo Paulo Freire como um dos principais fundadores, em 1961. A partir da utilização dos círculos de cultura e os Centros de Cultura no processo de alfabetização de adultos, foi o primeiro movimento de cultura popular dos anos 60, adotado por quase todos os movimentos envolvidos na prática da educação popular no país. Com o *Livro de leitura para adultos*, impresso em 1962, inovou radicalmente o material didático para alfabetizando(as) e recém-alfabetizados(as) da época, tendo sido adaptado também por outros movimentos, dentre eles: a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, Centro de Cultura Popular de Goiás e a Campanha de Alfabetização da União Nacional dos Estudantes (UNE).

2.1.2 A Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler

De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, criada em Natal (RN) pela Secretaria Municipal de Educação em 1961. Obteve essa titulação em detrimento daqueles 60.254 analfabetos das camadas populares, incluindo 35.810 crianças e 24.444 adultos, que não possuíam condições de comprar sapatos, mas tinham o direito de receber educação, assim como aqueles que estavam de pés calçados, independentemente de suas condições sociais. A campanha influenciada por Freire, possuía o mesmo embasamento que o Movimento de Cultura Popular do Recife, a autenticidade de uma cultura popular e o mesmo objetivo: o da libertação popular através da educação.

2.1.3 O Movimento de Educação de Base (MEB)

O MEB, criado pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), com apoio do Governo Federal, em 1961. À princípio, surge com o propósito de desenvolver um programa de alfabetização e educação de base, conforme definido pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), por meio de milhares de escolas radiofônicas, instaladas a partir de emissoras católicas. Entretanto, durante seu funcionamento por pelo menos 02 (dois) anos, esse objetivo é redefinido e, alinhando-se aos outros movimentos, mudasse seu modo de atuação e o conteúdo das aulas radiofônicas, passando a entender a educação como um processo de “conscientização” das camadas populares para a valorização plena do homem e da mulher a partir da consciência crítica de sua realidade, visando a transformação.

2.1.4 O Centro Popular de Cultura (CPC)

O CPC foi criado em 1962, ligado à União Nacional dos Estudantes (UNE), e difundido por todo o Brasil pela UNE-Volante, entre 1962 e 1963. É considerado um movimento inovador e radical, que teve maior projeção no estado do Rio de Janeiro (RJ), tendo como propósito a “arte revolucionária”, colocando-se ao lado do povo. Sua produção centrou-se na música, peças de teatro, filmes, folheto de cordel e na poesia. Alguns estados como Goiás e Minas Gerais, trabalharam com a alfabetização, produzindo cartilhas e livros de leitura, dentre eles, destacam-se: o *Livro de Leitura para Adultos*, do CPC/Goiás e a cartilha *Uma família operária*, do CPC/Belo Horizonte.

2.1.5 A Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR)

A CEPLAR em 1961, surge resultante da convergência de interesses dos membros recém-formados da Faculdade de Filosofia que integravam a Juventude Universitária Católica (JUC) em busca de uma estrutura de base para desempenhar trabalhos voltados para a educação popular. Com apoio do Governo do Estado, empenhou-se a aplicação da “Meta” nº 31 do plano do presidente Juscelino Kubitschek que consistia na “Operação Nordeste”, visando o desenvolvimento da região, no qual apresentava elevados índices de analfabetismo das pessoas acima de 14 (quatorze) anos, chegando a uma estimativa de 59,97% (Góes, 1980).

Para a viabilização deste projeto, foram oferecidas aos(às) jovens paraibanos(as) bolsas de estudo para participarem de cursos intensivos na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e no Movimento de Cultura Popular de Recife (MCP), com a finalidade de estudar as implicações da educação popular e sistematizaram-na por meio da CEPLAR, a fim de utilizá-la como meio para a elevação do nível cultural da população adulta, a qual fosse com base nisso, incluída no processo de desenvolvimento nacional.

O primeiro local de atuação da CEPLAR consistiu na Povoação Índio Piragibe, na Ilha do Bispo – bairro da cidade de João Pessoa (PB), com a associação de várias lideranças da localidade, bem como grupos de jovens e famílias da comunidade. Nesse movimento, existiam núcleos de debates que, por meio da análise dos problemas sociais, eram implementadas atividades de soluções concretas com vistas a equacionar os problemas locais com a ajuda da população, a exemplo da solicitação de recursos ao governo para a construção de fossas e a reivindicação junto à fábrica de cimento local para instalação de filtros que evitassem a poeira excessiva.

À princípio, o Programa de Metas do governo Kubitschek não deu muita ênfase ao problema educacional, visto que se restringia à preparação de técnicos(as).

Mas o tema “educação e desenvolvimento” polarizou as discussões no período, não só em termos de uma revisão das prioridades, estrutura e métodos dos sistemas de ensino, mas sobretudo quanto a formulação de uma nova teoria da educação, ante as exigências do crescimento econômico sustentado pela industrialização (Fávero, 2013, p. 51).

Em 1962, a partir do contato com o educador Paulo Freire e seu método de alfabetização de adultos, a CEPLAR inicia uma nova fase, passando a desempenhar a alfabetização de forma mais rápida, junto a um grupo de domésticas da Juventude

Operária Católica (JOC), e logo sendo possível expandi-la para outros grupos em bairros operários e cidades do interior e do meio rural, especialmente Sapé e Mari, áreas de violentos conflitos entre trabalhadores(as) rurais e latifundiários(as) e intensa mobilização das “ligas camponesas”. Em 1963, incorpora-se ao Plano Nacional de Alfabetização, obtendo apoio financeiro do Ministério da Educação, expandindo sua atuação para todo o estado da Paraíba. Nesse mesmo ano, cria-se, inovadoramente, o livro de leitura para recém-alfabetizados(as), chamado *Força e Trabalho*.

2.6 O Plano Nacional de Alfabetização (PNA)

Criado em 1963, o PNA teve início na Baixada Fluminense no estado do Rio de Janeiro, pretendia expandir e alfabetizar através do “Método Paulo Freire” mais de 05 (cinco) milhões de pessoas. Todavia, o Brasil é marcado por uma nova fase política em 1964 e o plano de erradicar o analfabetismo com o método em vários locais do país é interrompido, de modo que não se permitiu avançar na educação junto às classes populares.

Com a eclosão do Golpe Civil-Militar (1964-1985) é esquecida a dimensão de luta pela conquista dos direitos efetuados pelos movimentos populares que, para além das políticas públicas, indicavam a necessidade do reconhecimento humano (Paludo, 2015). O MCP tanto quanto as outras iniciativas semelhantes são interrompidas, seus dirigentes exilados e os materiais didáticos ditos subversivos apreendidos. A direção dada abre espaço novamente para o projeto educativo tecnicista e recoloca o setor empresarial e confessional como instâncias controladoras do sistema de ensino nacional.

Perante o exposto, é evidente perceber as inúmeras contribuições decorrentes dos movimentos populares: o MCP, a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, o MEB, o CPC e a CEPLAR, nas primeiras cinco décadas de 1960 no Brasil, para com a educação básica da população maior de 14 (quatorze) anos de idade que, apresentando altos índices de analfabetismo, tornava-se alvo fácil para a manipulação e exploração pela classe dominante. Constitucionalmente, nessa época, analfabeto(a) não votava, assim dedicaram-se a elevar o nível cultural da população, os quais incorporando um grande número de recém-alfabetizados(as) como eleitores(as), poderiam alterar significativamente a relação de forças no cenário político nacional.

Ademais, nessa parte do trabalho, buscou-se evidenciar, de um modo geral, os aspectos característicos que compreendem a Educação de Jovens e Adultos (EJA),

no contexto dos movimentos populistas de caráter assistencialista no Brasil, sobretudo a partir de 1946; bem como, em contrapartida, contextualizou-se os movimentos populares da década de 1960, os quais operaram um salto qualitativo em relação às campanhas e mobilizações governamentais anteriores contra o analfabetismo.

De acordo com Fávero (2013), às propostas de alfabetização foram radicalmente diferentes mediante o compromisso explicitamente assumido pelos movimentos de educação e cultura popular em favor das classes populares, urbanas e rurais, e o fato de terem orientado sua ação educativa para uma política renovadora, voltada para a libertação e conscientização da população adulta.

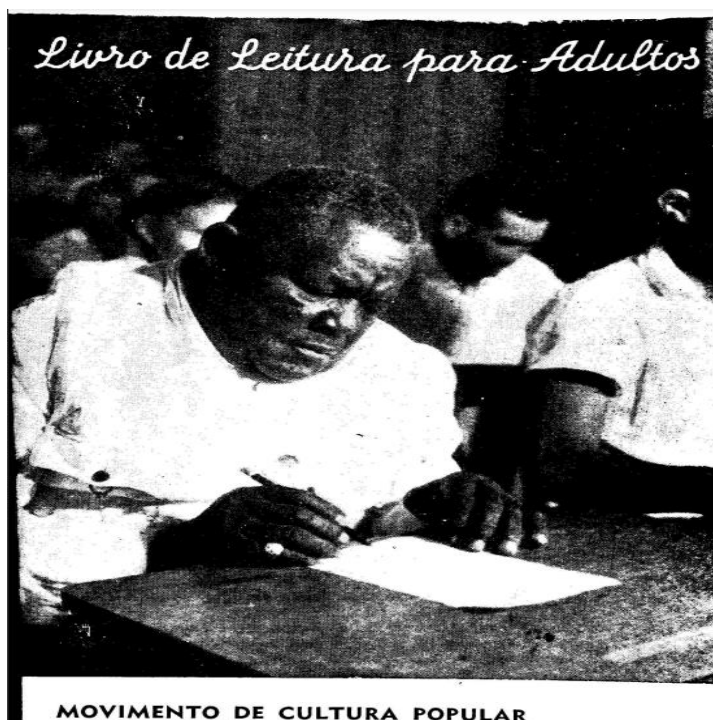
Com base nisso, dada importância, sistematiza-se no tópico seguinte, os materiais didáticos e a coletânea de textos utilizados pelas equipes dos movimentos populares, cujas propostas partem de palavras geradoras escolhidas do universo vocabular da população a ser alfabetizada.

3 O LIVRO DE LEITURA PARA ADULTOS

Neste capítulo, discute-se o livro de leitura para adultos, material didático incorporado pelos movimentos populares na década de 60 do século XX, utilizado para o processo de aprendizagem da leitura e escrita. A proposta didática não se reduz à aquisição do sistema alfabético, parte de uma compreensão mais ampla do processo de alfabetização, considerando que o(a) alfabetizando(a) ou recém-alfabetizado(a) seja capaz de compreender e vivenciar as funções reais da leitura e da língua escrita, no espaço social e comunitário coletivo, para que seu aprendizado sirva como instrumento de luta na conquista da cidadania.

3.1 Livro de Leitura para Adultos (MCP)

Imagem 1 – Capa do livro de leitura para adultos do MCP



Fonte: <http://forumeja.org.br/didaticos.mcp>, 2024.

O Livro de Leitura para Adultos do Movimento de Cultura Popular (MCP), elaborado por Godoy e Coelho em 1962, é um material didático, como o próprio nome diz, centrado nos interesses do adulto, composto por um conjunto de 77 (setenta e sete) lições, divididas entre 20 (vinte) capítulos que os compõe. Cada capítulo é representado por ao menos 10 (dez) lições, cujas temáticas abordadas exprimem os anseios populares da década de 1960 e ressaltam os valores regionais da cidade de Recife através do ensino de língua portuguesa e da gramática.

Ao analisar a forma como o livro se dispõe é possível identificar que, a introdução dos capítulos é regida por fotos - elementos pré-textuais, as quais caracterizam aspectos marcantes do povo e da região do Recife - paisagens, mangues cobertos de mocambos, morros, alagados, implicando como sendo atividade prévia de leitura, baseada na perspectiva da vida vivida dos(as) educandos(as), para construção de hipóteses acerca da temática a ser desenvolvida.

Quanto às lições, consistem em exercícios de noções gramaticais precedidas por palavras-chave, mais conhecidas como fichas de cultura, dispostas isoladamente nas páginas do livro, de modo que os(as) estudantes reconheçam cada uma delas. Considerando que as fichas são regidas por valores, a seleção cuidadosa de cada uma delas é um fator essencial a ser considerado. A eleição não deve ser um processo isolado, sob valores meramente pessoais do(a) educador(a), precisa fazer parte de um planejamento no qual se leve em conta as características dos sujeitos de cada comunidade específica.

Com relação à atividade de considerar as palavras, Bondía (2002) afirma que, não é uma atividade oca ou vazia, não é mero palavrório, trata-se de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e vice-versa.

Vejamos alguns exemplos, conforme o modelo que segue:

povo, voto / vida, saúde, pão / casa, mocambo / Recife, alagado / escola / operário,
 livro / templo / globo, atlas / sertanejo, chuva, sol / mangue, draga / açúcar,
 Pernambuco / engenho, enxada / Nordeste, homem / flagelado, progresso / Brasil,
 trabalho / jangada, peixe, coqueiro / arraial, quadrilha / frevo, ritmo, zabumba /
 caboclinhos, Guararapes / República, democracia, paz

As palavras pressupõem na proposta de ensino, a unidade menor para início do processo de alfabetização e seus desdobramentos, mais adiante, são percebidas em meio a(s) frase(s) com letra bastão e letra cursiva, levando o(a) alfabetizando(a) a perceber que uma frase é formada por outras palavras que se articulam entre si. Posteriormente, essas palavras são pré-dispostas em meio a diferentes textos, levando o sujeito pré-alfabetizado(a) a entender que um texto é formado por um conjunto de frases que se articulam umas com as outras. Além disso, o texto é um evento sociocomunicativo, que ganha existência dentro de um processo da interação

verbal, pressupondo, atividades dos(as) interlocutores(as) como sujeitos ativos, empenhados dialogicamente na produção de sentidos (Koch; Elias, 2012).

3.3.1 Coletânea de Textos

Texto 01

- O **Recife** tem muito alagado?
- Sim, o **Recife** tem muito **alagado**!
- Como é a casa do povo do **alagado**?
- A casa do povo do **alagado** é o mocambo.

Texto 02

É dura a vida do **sertanejo**.
 Todos os anos ele espera a **chuva**, pois o **sol** acaba com a lavoura.
 O **sertanejo** ama a sua gleba.
 Só a seca o leva para a cidade.

Texto 03

A cidade do Recife é cheia de **mangue**.
 Vejam a **draga** à beira do rio Capibaribe.
 Esta **draga** é a Municipalidade.
 Com a sua ajuda, o **mangue** se torna chão firme e alarga a rua.
 O governo do Município ajuda a recuperar os **mangues** do Recife.

Texto 04

A base da economia de **Pernambuco** é o **açúcar**.
 O lavrador ainda cultiva o campo com a **enxada**.
 O camponês do **engenho** do **açúcar** planta e corta a cana.
 Sua vida é difícil e insegura.
 Agora o camponês luta por seu sindicato.

Texto 05

O **coqueiro** e a **jangada** compõem a paisagem das praias do Nordeste.
Todas as manhãs os pescadores saem em suas **jangadas**
em busca de **peixe** para vender nas praias.
Seu trabalho é perigoso e cansativo.
Associando-se nas colônias de pesca, eles se protegem para a velhice e a doença.

Texto 06

No **Arraial** do Bom Jesus houve festa de S. João e S. Pedro.
O povo prestigia as festas tradicionais!
Os pares dançam coco, ciranda e **quadrilha** várias noites.
Os cocos, as cirandas e quadrilhas são danças populares brasileiras,
que enchem de sadia alegria as festas juninas.
No sítio do **Arraial** desfilaram várias Bandeiras de São João.
O povo aplaudiu com entusiasmo.
Cantores e violeiros de todo o Nordeste improvisaram seus versos.
Havia muito balão, canjica, milho assado e pamonha.

Texto 07

A **zabumba** é uma banda popular.
O **frevo** é música típica do povo pernambucano.
O **ritmo** do **frevo** é efervescente.
O maracatu, o samba e o baião também são **ritmos** populares do Nordeste.
Os **ritmos** populares inspiram a música erudita.
A música de um povo é parte de sua cultura.

Texto 08

O carnaval do Recife é uma das maiores tradições do Nordeste.
Nossas tradições vêm do português, do índio e do africano.
Numerosos conjuntos folclóricos desfilam no Carnaval do Recife:
caboclinhos, maracatus, escolas de samba, grupos de frevo e troças de rua.
A avenida **Guararapes** é toda decorada com motivos do folclore regional.
O povo brinca, durante vários dias, fazendo o passo nas ruas.

Conforme acima, os textos levam em conta o critério da proximidade ao polo cultural, bem como o envolvimento maior do(a) ouvinte/leitor(a). Refletindo de algum modo, o drama social e a arte popular das terras áridas do Nordeste brasileiro e também de áreas subdesenvolvidas do Recife. A leitura dos textos longe de pretender a transmissão de conteúdos, estimula de maneira eficiente a formação crítica de novos conceitos e valores em gestação.

3.2 De Pé no Chão Também se Aprende uma Profissão

Imagem 2 – Capa do livro de pé no chão se aprende uma profissão



Fonte: <http://forumeja.org.br/didatico.depe>, 2024.

A Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, utiliza-se do Livro De pé no chão também se aprende uma profissão, elaborado em 1963, correspondendo a uma adaptação do livro de leitura do MCP às condições locais do Rio Grande do Norte. Ao analisá-lo é possível notar a incorporação de legendas junto às fotografias e alterações em algumas fichas de cultura, consequentemente também nos temas abordados pelos textos, visto que os valores de cada região do nosso país têm suas particularidades em relação às demais. Fazendo um comparativo entre os dois materiais didáticos, vê-se que as palavras: *mocambo / Recife, alagado / escola, chuva, sol / mangue, draga / açúcar, Pernambuco, engenho / peixe / arraial / ritmo / caboclinhos*, foram substituídas por outras: *bambelô / casebre / família, desemprego*

*/ horta, chão / Natal, cidade / acampamento / barro, estrada / roçado / folclore, fogueira
/ zabumba / Rio Grande do Norte / Redinha / clamor.*

3.2.1 Coletânea de Textos

Texto 01

- O operário vai à escola?
- Sim, ele vai à escola do **acampamento**.
- O acampamento “De Pé No Chão” é a escola do povo.
Lá, ele lê o livro de leitura.
O livro de “De Pé No Chão” é o seu livro de leitura.

Texto 02

Estrada de barro é boa?

Sim, estrada de barro é boa, porém ótima é a de asfalto.

A falta de **estradas** é uma das causas do pouco desenvolvimento do Nordeste.

Texto 03

É dura a vida do **sertanejo**.

Ele ainda usa a **enxada**.

Todos os anos ele espera a chuva.

Se há seca, não há **roçado**.

O **sertanejo** ama a sua gleba.

Texto 04

A **zabumba** é uma banda popular.

O **frevo** é música típica do povo pernambucano.

O **ritmo** do **frevo** é efervescente.

O maracatu, o samba e o baião também são ritmos populares do Nordeste.

Os **ritmos** populares inspiram a música erudita.

Texto 05

O homem do **Nordeste** se chama nordestino.

O **Rio Grande do Norte** é um Estado do **Nordeste**.

Os recursos mais importantes do Rio Grande do Norte são:

minérios, sal, algodão e carnaúba.

Ele precisa de ajuda para a exploração e desenvolvimento de seus recursos.

O Nordeste tem nove Estados: vai do Maranhão até a Bahia.

O homem nordestino é um lutador.

Ele ajudou o desenvolvimento do Sul.

Agora espera apoio para o desenvolvimento do Nordeste.

Texto 06

Redinha é uma das mais belas praias de Natal.

Está situada em frente ao Forte dos Reis Magos.

Todas as manhãs os pescadores saem da praia da Redinha, nas suas **jangadas**, em busca de peixe para o sustento de sua família.

Seu trabalho é perigoso e cansativo.

Reunindo-se nas colônias de pesca eles tem garantia para a velhice e a doença.

Texto 07

Nos montes **Guararapes**, os nordestinos, comandados por André Vidal de Negreiros, Henrique Dias e Felipe Camarão (herói, do Rio Grande do Norte) selaram a unidade das três raças - branca, negra e índia, consolidando a formação de um povo sem preconceito de cor.

A luta do Nordeste contra o invasor foi o primeiro surto de nacionalismo no Brasil.

Agora, é preciso atender ao **clamor** do povo do nordeste.

Partindo da experiência válida com a “cartilha” do MCP, a sequência de propostas encontradas no material didático da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, têm o mesmo embasamento e a mesma finalidade educacional. Todavia, os textos, em contrapartida, exprimem situações que marcam a face da cidade de Natal, ressaltando reivindicações sociais e a necessidade de o poder público assumir com as responsabilidades das obrigações constitucionais.

Eu, Pedro e o povo lutamos.

Lutamos para viver.

Texto 02

Eu vivo com a família.

Pedro também vive com a família dele.

Todos vivem com a família?

Onde moramos vivem muitas famílias.

Eu, Pedro e todas as pessoas somos o povo.

O povo de um lugar forma uma comunidade?

A família vive com a comunidade?

Texto 03

O povo tem fome e doença.

Por que tanta doença no povo?

O povo precisa de escola.

Precisa de casa e comida.

O povo precisa de trabalho.

É dura a vida do povo.

O povo quer mudar de vida?

O povo pode mudar de vida?

Texto 04

Camponês é homem da terra.

Ele trabalha a terra.

Ele colhe os frutos da terra.

O camponês tem terra?

Ele tem tudo para cultivar a terra?

Ele tem garantia na colheita?

O camponês tem garantia no trabalho?

Texto 05

As mulheres também trabalham.
Algumas bordam, outras lavam.
Algumas cozinham, outras cultivam.
Algumas trabalham longe de casa.
Algumas trabalham longe dos filhos.
Muitos trabalhos são feitos só por mulheres.
Todas as mulheres trabalham?
A mulher nasceu para servir?
O povo precisa do trabalho das mulheres?

Texto 06

Pedro está preocupado e pensa:
Por que nossa vida é tão dura?
Por que morre tanto menino aqui?
Por que o povo não tem casa?
Por que a gente não aprendeu a ler?
Por que não tem escola para nossos meninos?
Por que a gente sofre tanta injustiça?
Isso não está certo. Está certo não!

Texto 07

Chegou o tempo de eleição.
Chegou o tempo de eleger os governantes.
Eleição é escolha.
O povo deve escolher seus representantes.
Escolher representantes de todo o povo.
Todo o povo vota?
Por que o analfabeto não vota?

Texto 08

Como são as eleições no Brasil?
Muitos eleitores votam no candidato do patrão.

Muitos votam a troco de sapato, roupa, remédio...
Outros votam a troco de emprego ou dinheiro.

Texto 09

Os camponeses sentem necessidade de união.
Sentem que unidos podem agir.
Seu direito de união é lei.
Pedro e os companheiros querem fundar um sindicato.
Eles sentem os problemas de sua classe.
Querem organizar sua classe.
Sindicato é união.
Sindicato é força.
A união faz a força do sindicato.

Texto 10

Pedro e seus companheiros fundaram um sindicato.
Para comemorar, eles organizam uma festa.
Todos se reúnem e se divertem.
São bonitas as festas e danças do povo:
são joão, carnaval;
bumba-meu-boi, pastoril, reisado, maracatu,
quadrilha, coco, capoeira, ciranda...
A mulher de Pedro convidou dois cantores.
Eles cantam as alegrias e as tristezas do povo.
Tudo isto é folclore.
É bonito o folclore.

Texto 11

O povo só tem danças e festas?
Não, o povo também faz rede, cestas, bolsa...
A mulher rendeira faz renda.
O finado Vitalino fazia bonecos de barro.
Tudo isto é arte.

É arte popular.
O povo tem artistas.
A arte popular revela a alma do povo.

Texto 12

A arte popular é cultura.
Tudo o que o homem inventa e faz é cultura:
casa, roçado, sapato, fogão de barro...
Tudo isto é criação.
O homem é criador.
Os costumes do povo são cultura.
Estudando o povo também faz cultura;
aprende a conservar e melhorar seus costumes.
Um povo só marcha para a libertação
quando caminha com sua cultura.

Texto 13

Os trabalhadores prepararam a terra para fazer o roçado.
O que tiram da roça não dá para nada.
Por que muitos vendem a safra antes da colheita?
Por que o intermediário fica com o lucro?
Por que comprar tudo caro no barracão ou na venda?
Por que os grandes controlam o preço da nossa safra?
Basta lastimar sem fazer nada?
Os trabalhadores podem mudar este sistema.
É preciso cooperação.
O grito dado por cem vai mais longe do que o grito por um.
É fácil quebrar uma vara; difícil é quebrar um feixe.
Por que não organizar cooperativas?

Texto 14

O povo fala sempre:
“O dinheiro não vale nada”!

“Tudo sobe dia a dia”.
“Compramos tudo pela hora da morte”.
Quem marca o preço da mercadoria?
Por que quando o salário sobe, piora ainda mais a carestia.
Por que o trabalhador não tem o fruto de seu trabalho?
Quem está lucrando com isto?
O povo do Brasil é um povo explorado.
Explorado não só por brasileiros.
Há muitos estrangeiros explorando a gente.
Como libertar o Brasil desta situação?

Texto 15

Xavier, Pedro e os companheiros procuram um jeito
de libertar o Brasil desta situação.
Com a escola, sindicato e cooperativa procuram organizar.
Só um povo organizado participa do governo.
Povo organizado é força.
É força para exigir mudança.
Força para eleger seus candidatos.
Todo o povo deve participar do governo.
Participar do governo para lutar por Justiça.
Justiça por todos os homens.
O povo tem o dever de lutar por Justiça.

Os textos de leitura do material didático do Movimento de Educação de Base (MEB), utilizavam formas populares de expressão, assim como o verbo “ter” no lugar de “haver”, de tal modo, que permitissem uma real comunicação com o “povo”, especificamente no caso do espaço formal de educação, com o(a) aluno(a) leitor(a) ou ouvinte da EJA. A leitura dos textos tem função intencional acerca da conscientização do homem e da mulher do campo, diante de situações de injustiça em sua condição de classe trabalhadora.

3.4 Livro de Leitura para Adultos (CPC)

Imagem 4 – Capa do livro de leitura para adultos do CPC



Fonte: <http://forumeja.org.br/didaticos.cpc>, 2024.

O livro de leitura para adultos do CPC de Goiás é composto por 80 (oitenta) lições, possuindo a mesma estrutura que o *Livro de Leitura para Adultos* (MCP) e o *Livro De pé no chão também se aprende uma profissão*, diferenciando-se apenas por algumas adaptações textuais às condições locais do estado brasileiro de Goiás. Assim como nos materiais didáticos anteriores, a obra apresenta fichas de cultura específicas, diferenciando-se em conformidade com as seguintes palavras-chave: *fome / roça / barraco, cidade / Petrobrás, livre / Goiás / campo / colheita, fazenda / Chagas / dinheiro, privilégio / Fraternidade*.

3.4.1 Coletânea de Textos

Texto 01

O roceiro vive na **roça**
O operário vive na cidade
O roceiro vive no barraco
O barraco é bom?

Texto 02

O homem do **campo** é o sertanejo.

A vida no **campo** é dura.

O sertanejo cultiva a terra.

Todos têm terra?

Texto 03

O sertanejo usa a enxada para lavrar a terra.

Ele tenta fazer uma boa **colheita**.

A família do sertanejo labuta com ele na **colheita**.

Sem boa **colheita** não há comida.

Texto 04

Em Goiás há muito “barbeiro”.

Ele gosta de se alojar nos barracos de adobe.

O barbeiro provoca a doença de **Chagas**.

Essa doença ataca o coração.

É preciso eliminar esses insetos com B.H.C.

Texto 05

Não se pode viver sem **dinheiro**.

O **dinheiro** é necessário para a saúde, à alimentação,
à educação, o vestuário, à habitação.

Ele é resultado do trabalho de muitos. Infelizmente, no Brasil,
o resultado desse trabalho é **privilégio** de poucos.

O que você ganha é suficiente para seu sustento?

Texto 06

A **FRATERNIDADE** é necessária para a verdadeira DEMOCRACIA.

Os camponeses dão a todos um bom exemplo de união fraterna.

No campo há muito trabalho a fazer e pouca mão de obra.

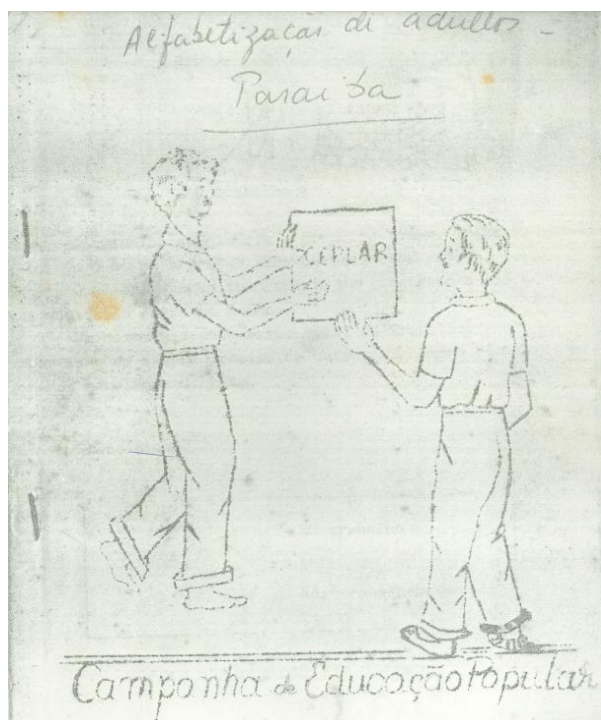
Quando a tarefa a fazer é muito grande os sertanejos organizam o mutirão.

No mutirão todos se unem no trabalho comum. A união faz a força. Após terminar o serviço eles festejam. Então, cantam e dançam a catira.

Os textos propostos pela equipe do Centro Popular de Cultura no estado brasileiro de Goiás, diferentemente dos outros materiais didáticos que dão contexto às diversas manifestações culturais da região Nordeste, exprimem de maneira específica os anseios populares e ressaltam os valores regionais do centro do país. A leitura dos textos, permite desenvolver o pensamento crítico dos(as) alunos(as) e a capacidade de reflexão sobre o meio onde estão inseridos(as).

3.5 Força e Trabalho

Imagem 5 – Capa do livro força e trabalho



Fonte: <http://forumeja.org.br/didaticos.ceplar, 2024>.

O livro de leitura para adultos Força e Trabalho da Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR), para além do ensino de língua portuguesa e da gramática – leitura e escrita, vê-se pela primeira vez preocupação com a construção de conhecimentos sobre o ensino de matemática e da aritmética – números e operações. Ele, assim como o livro Viver é Lutar, não apresenta fichas de cultura, principia pelo texto, caracterizando-se enquanto a unidade mais ampla da língua, até chegar às noções mínimas: da letra para a sílaba, para a palavra, para a frase, para os conjuntos de frases.

3.5.1 Coletânea de Textos

Texto 01

O trabalho surgiu com o primeiro homem.
Trabalhando o homem satisfaz suas necessidades vitais.
O trabalho é um instrumento de progresso e de comunicação entre os homens.
Um homem não pode fazer todos os trabalhos
e por isso um sempre precisa do outro.
Os homens reunidos constroem o mundo.

Texto 02

Liberdade
Quero comer
Não há pão
Sinto Frio
Não há roupa
Quero plantar
Não tenho chão

Liberdade
Quero estudar
Não tenho escola
Quero viver
Não tenho saúde
Não tenho feijão

Liberdade
Que liberdade?
Da fome
Da dor
Da morte
Da humilhação

Que liberdade?
O que é então

A escravidão?

Texto 03

O homem do Nordeste se chama nordestino.
Paraíba é um Estado do Nordeste.
O paraibano é um... nordestino.
O Nordeste tem nove Estados: vai do Maranhão até a Bahia.
O homem nordestino é um lutador.
Ele ajudou o desenvolvimento do sul.
Agora espera apoio para o desenvolvimento da sua região.

Texto 04

A base da economia do Nordeste é o açúcar.
O lavrador ainda cultiva o campo com a enxada.
O camponês do engenho do açúcar planta e corta a cana.
Sua vida é difícil e insegura.
Agora o camponês luta por seu sindicato.
Todos os homens devem lutar pelo seu sindicato.

Texto 05

O homem sozinho é fraco.
O trabalhador sindicalizado é um forte.
O sindicato é a arma contra a fraqueza do homem isolado.
O seu sindicato zela pelas suas reivindicações.

Ante o exposto, é possível vislumbrar que o material didático da Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR), assim como os demais livros de leitura para adultos dos movimentos populares, caracteriza-se como um potente veículo cultural para o processo de ensino e aprendizagem na educação de jovens e adultos. No entanto, vale ressaltar que eles são apenas meios e não um fim em si mesmos, mediante esse processo, a atuação do(a) professor(a) tem papel significativo, na proporção que viabiliza por intermédio da leitura, o encontro entre a obra e o(a) aluno(a) adulto(a), dando voz aos textos, promovendo situações de apreciação, fruição, escuta e diálogo.

Notadamente, de um modo geral, os textos expressam questões concretas e aspectos peculiares da cultura local de cada comunidade, estado ou região do Brasil, muitas das quais as pessoas adultas vivenciam em seu dia a dia. Em específico, observa-se que todos se unificam em torno do grande fato: a maioria dos(as) alunos(as) da EJA são trabalhadores(as), do campo ou da cidade, que por diversas razões tiveram o direito à formação escolar retirados de si durante a infância ou adolescência.

Segundo Brasil (2006), nas cidades, por exemplo, seus pais saíam para trabalhar e muitos(as) deles(as) já eram responsáveis, ainda crianças, pelo cuidado da casa e dos irmãos mais novos. Nas regiões rurais, a participação no mundo do trabalho começa ainda mais cedo: cuidar da terra, das plantações ou da criação de animais; auxiliar nos serviços caseiros. Nessas regiões, os horários, os períodos de colheita, de chuva e de seca marcam a vida cotidiana das pessoas e isto, aliado às grandes distâncias, configura condição bastante precária para a escolarização.

Por esse motivo, é forte a presença do eixo temático “Trabalho” na organização dos livros voltados para a Educação de Jovens e Adultos, assim como outros subtemas adequados a esse público, tais como: identidade e saúde. Nessa época, embora fosse possibilitado aos(às) trabalhadores(as) a oportunidade de se reunirem em sindicatos, e mesmo em associações mais amplas, estendendo a eles(as) a proteção relativa das leis trabalhistas e amparando-os com programas de saúde e assistência previdenciária, a aludida participação das camadas populares, em grandes termos, restringia-se à manipulação política por meio de estratégias montadas pelo próprio Estado (Fávero, 2013). Daí a preocupação em problematizar essas questões que marcam a face da luta diária do homem e da mulher pela sobrevivência (e de seus filhos), levando-os a leitura crítica sobre atitudes que levam à prosperidade, para incentivar estas e reprimir as que oprimem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, mais do que discutir esse capítulo especial da história da educação brasileira, sobretudo da Região Nordeste, decorrente dos movimentos de alfabetização de adultos, cultura popular, educação popular e expansão das redes escolares nas primeiras décadas de 1960, é imprescindível construir a educação “que está sendo” a partir das práticas alicerçadas na educação popular, oferecer respostas às exigências da sociedade contemporânea, visto que ainda há no Brasil cerca de 11,4 milhões de brasileiros(as), cujo direito mínimo à educação não foi respeitado e 68 milhões de pessoas de 15 (quinze) anos ou mais de idade, que não tiveram condições de concluir a Educação Básica (IBGE, 2022).

Na atualidade, existem outros modos de explicar o mundo, outros tipos de textos, outras palavras, novas imagens e outros recursos técnicos como suporte, cujos papéis variam significativamente de acordo com os espaços em que são empreendidos, os quais podem servir de base para a intervenção dos(as) professores(as) durante a fase de aquisição da leitura e escrita dos(as) alunos(as), mantendo os princípios freirianos de educação, que partem do exercício constante de uma educação problematizadora; da dialogicidade como metodologia da ação educativa; do vínculo da prática pedagógica com o cotidiano dos(as) educandos(as) e; da relação educandos(as) e educadores(as) de forma democrática e solidária.

Pensando nessa perspectiva, a contação de histórias caracteriza-se como uma dessas “outras” possibilidades que, por intermédio da prática de comunicação oral mediada pelo(a) professor(a) é capaz de despertar interesse nos(as) alunos(as) da Educação de Jovens e Adultos (EJA), proporcionar trocas de experiências por meio do diálogo e estimular o desejo pela leitura, de mundo e da palavra.

Em conformidade com Freire (1996), mediante a ação de ouvir, exige do(a) educando(a) uma posição que vai além da possibilidade auditiva de cada um(a). “Escutar”, no sentido de disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura do mundo interior através da fala do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta redução a fala. Pelo contrário, escutando bem é que se prepara melhor para se colocar e melhor se situar do ponto de vista das ideias. Como sujeito que se dá ao discurso, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura.

Contar histórias é uma das práticas significativas cultivadas por povos de diferentes regiões do mundo, e do Brasil em particular, os quais através dela, partilham conhecimentos essenciais uns com os outros. Os valores, os costumes, toda cultura que um grupo tenta preservar são apresentados oralmente de geração para geração. Pode-se dizer que ela existe desde os mais antigos tempos, porém, não há definição exata de quando e onde houve de fato seu surgimento. Sabe-se apenas que é uma das práticas mais remotas que acompanham a humanidade, podendo ocorrer de diversas formas, nos mais variados estilos e desenvolvida por qualquer pessoa, como por exemplo, em casa por um(a) familiar.

No entanto, o(a) contador(a) propriamente dito(a) é aquele(a) que narra histórias a partir de algumas técnicas capazes de prender à atenção do público ouvinte, despertar sensações e ativar os sentidos do ser humano: paladar, audição, tato, visão e olfato. As narrativas são carregadas de emoção e repletas de recursos bastante pessoais, como a gesticulação, as variações vocais e as expressões faciais, os quais proporcionam interação direta com o público, implicando improvisação e interpretação (Grossi, 2014).

Na leitura de histórias do mesmo modo “necessita da performance para ter sentido, assim ao ler também é preciso exprimir nas palavras os sentidos e sensações que a história exige”. Todavia, o(a) leitor(a) de histórias empresta voz ao texto, respeitando a produção escrita tal qual ela se apresenta de forma sinóptica: estampado numa página. Enquanto o(a) contador(a), conserva algumas partes do texto, mas modifica-o de acordo com a interação que estabelece com o público-alvo, recorrendo a elementos locais de compreensão geral do auditório para melhor compreensão da narrativa, aproximando-se dos sujeitos escolares por meio de linguagens mais familiares a eles (Brasil, 2022, p. 10).

Como explicitado na pesquisa, os textos são regidos por valores, que quando enunciados, podem nortear a formação do pensamento crítico humano, e consequentemente, o seu comportamento em sociedade. Desse modo, os procedimentos de análise e seleção cuidadosa, tornam-se fatores essenciais a serem considerados pelos(as) educadores(as) que desejam exercer a prática de ler ou contar histórias no espaço formal de educação, os quais devem levar em consideração as características identitárias de cada comunidade, estado ou região do Brasil, contribuindo de forma positiva para que os(as) educandos(as) se sintam parte do processo formativo e ele(a), o(a) docente, um(a) mediador(a) desse processo.

De acordo com Grossi (2014), todo(a) professor(a) pode se tornar um contador(a) de histórias. No início, basta que leia diversos tipos de histórias para e com os(as) alunos(as). Aos poucos, vai se apropriando das narrativas. Cada contador(a), usando suas habilidades, encontra a sua forma de contar histórias – e começa a dar vida a elas, (re)criando e particularizando cada versão, cada variante, estabelecendo identidade cultural.

É importante salientar que, não basta apenas contar histórias por contar, é preciso contá-las a partir de objetivos educacionais pré-estabelecidos de maneira a fazê-las render o máximo das suas potencialidades. Além disso, requer que haja o reconhecimento do outro como um ser contribuinte durante a interpretação da história narrada, e tal ação dependerá em parte do(a) alfabetizador(a), pois caso atribua aos(às) alfabetizandos(as) o papel de espectadores(as), estará colaborando para o silenciamento dos mesmos. Impossibilitando a interação através do diálogo, sem a participação dos sujeitos escolares, a aula torna-se um monólogo (Sousa et al., 2020).

Para além dos livros didáticos dos Movimentos Populares da década de 1960, na contação de histórias, destaca-se o material intitulado *Estórias de Luzia Tereza*, cuja obra dividida 03 (três) volumes publicados pela Thesaurus Editora, de Brasília, detém um vasto repertório de histórias registradas pelo grupo de pesquisa do projeto “Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba”, desenvolvido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) através do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (Nuppo), sob coordenação do professor Altimar Pimentel.

Em síntese, a obra de importantíssimo valor documental, reuni grande parte da cultura popular nacional através das narrativas de Luzia Teresa dos Santos, paraibana natural de Guarabira, nascida na primeira década do século XX, a qual não possuía a “letra”, assim como a grande maioria dos homens e mulheres populares da sua época, mas detinha a proeza de contar histórias utilizando a voz, a memória e os gestos. Segundo Pimentel (1995), a expressão corporal compunha com as variações vocais, as inflexões apropriadas, os momentos mágicos e cativantes em que narrava. Os gestos desenhavam personagens e situações, evocavam imagens, delineavam seres e coisas. Boa parte das histórias que gravou em áudio para o projeto citado durante 06 (seis) anos entre 1977 a 1983, aprendeu ainda criança onde morava, durante as noites em que a vizinhança se reunia nos terrenos das casas e entre as conversas sobre os acontecimentos do dia, no momento em que invariavelmente narravam-se contos populares. Também nos trabalhos coletivos como as farinhadas (fabrico de

farinha de mandioca) e debulhas de feijão, quando o entretenimento era contar histórias, principalmente, os velhos contos de origem variadas. E, sobretudo, com o marido, já em idade adulta.

A maior parte das histórias narradas pela paraibana, algumas de sua criação, sobre o mundo fantástico do ser humano do final do século XIX e início do século XX, pertencem ao rol dos contos maravilhosos, as quais perpassam os reis e rainhas, príncipes e princesas com seus palácios e carruagens, cangaceiros, homens e animais, dentre as mais diversas temáticas que demonstram a diversidade de suas narrativas. Contudo, todas contextualizam o guardado do povo nordestino, paraibano, repassadas por uma sensibilidade da formação rural e religiosa bastante características, empregadas, sempre, num cunho moralizante, colocando os(as) interlocutores(as) em situação de comunicação o mais próximo da origem cultural e das experiências de vida, que tem para eles(as) sentido. A exemplo do conto popular intitulado *As mil e uma noites* (Anexo 1).

É importante salientar que, algumas expressões, termos ou situações vivenciadas no enredo das sequências narrativas, podem nos dias de hoje estar em desuso, devendo os(as) educadores(as) realizar “filtros” sobre elas para o ofício da contação de histórias nas classes de alfabetização de adultos, visto que o ato de contar depende da sociedade e do período de cada contador(a). Assim como qualquer outro produto social, está sujeita a mudanças, “decorrentes das transformações sociais, de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, bem como de modificações conforme o lugar atribuído ao(à) ouvinte” (Koch; Elias, 2012). É, portanto, recomendável uma leitura atenciosa do conto, buscando apreender a sua essência, e a partir disso, identificar elementos não essenciais a serem perpassados na história da humanidade.

Desse modo, espera-se com as discussões construídas ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), colaborar para que os(as) educadores(as) dos vários níveis de ensino, em especial os da EJA, estudantes dos cursos de Pedagogia, bem como todos(as) os(as) interessados(as) de modo geral, reconheçam a prática da leitura em sala de aula como uma maneira de estimular a formação de leitores(as) distinta da contação de histórias, visto que cada uma possui características próprias no exercício pedagógico, porém, não numa perspectiva dicotômica de dois polos opostos, mas de continuidade.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Censo 2022: Taxa de analfabetismo cai de 9,6% para 7,0% em 12 anos, mas desigualdades persistem.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite** : do trabalho para a EJA : itinerários pelo direito a uma vida justa / Miguel G. Arroyo - Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; FAGUNDES, Maurício Cesar. **Cultura popular e educação popular**: expressões da proposta freiriana para um sistema de educação. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n.61, p. 89-106, 2016.

_____; ASSUNÇÃO, Raiane. **Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora** / Carlos Rodrigues Brandão e Raiane Assunção - São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. - (Educação Popular)

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de contação de histórias.** Fevereiro 2022. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/guia_de_contacao_de_historias.pdf. Acesso em: 03 ago. de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos - Alunos e alunas da EJA.** Brasília: MEC/SECAD, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf. Acesso em: 28 ago. de 2024.

BONDÍA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** In: Revista Brasileira da Educação, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

FÁVERO, Osmar. **Paulo Freire: primeiros tempos.** Em aberto, Brasília, v. 26, n. 90, p. 47-62, jul./dez. 2013. In: ____ Em aberto / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. V. 1, n.1, (nov. 1981 -). – Brasília : O Instituto, 1981- .

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

_____. **Pedagogia do oprimido.** 11 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GÓES, Moacyr. **De Pé no Chão Também se Aprende a Ler**: (1961-1964) Uma Escola Democrática. Rio de Janeiro- RJ: Civilização Brasileira, 1980, 209 p.

GODOY, Josina Maria Lopes de; COELHO, Norma Porto Carreiro. **Livro De Leitura Para Adultos**: Movimento de Cultura Popular. Gráfica Editora do Recife S. A. Recife - Pernambuco - Brasil, 1962. Disponível em:

<http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/lermcp.pdf>. Acesso em: 23 ago. de 2024.

GROSSI, Maria Elisa de Araújo. **Contação de histórias**. In: ____ Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale. Acesso em: 07 ago. de 2024.

HADDAD, Sérgio; PIERRO, Maria Clara Di. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, 2000, N° 34.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever** : estratégias de produção textual / Ingedore Villaça Koch, Vania Maria Elias. 2. Ed., 1° reimpressão – São Paulo : Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. In: ____XXII Reunião Anual da ANPEd, 12., 1999, Caxambu. **Anais [...]** Caxambu, Revista brasileira de educação, 1999. p.59-73.

PALUDO, Conceição. **Educação popular como resistência e emancipação humana**. Cad. Cedes, Campinas, v.35, n.96, p.219-238, 2015.

PIMENTEL, Altimar. **Estórias de Luzia Tereza** / Altimar Pimentel. – Brasília: Thesaurus, 1995. Vol. 1 – 397 p. : il.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. Autores Associados, 1982.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 - **Metodologia do trabalho científico** / Antônio Joaquim Severino. - 23. ed. rev. e atualizada - São Paulo : Cortez, 2007.

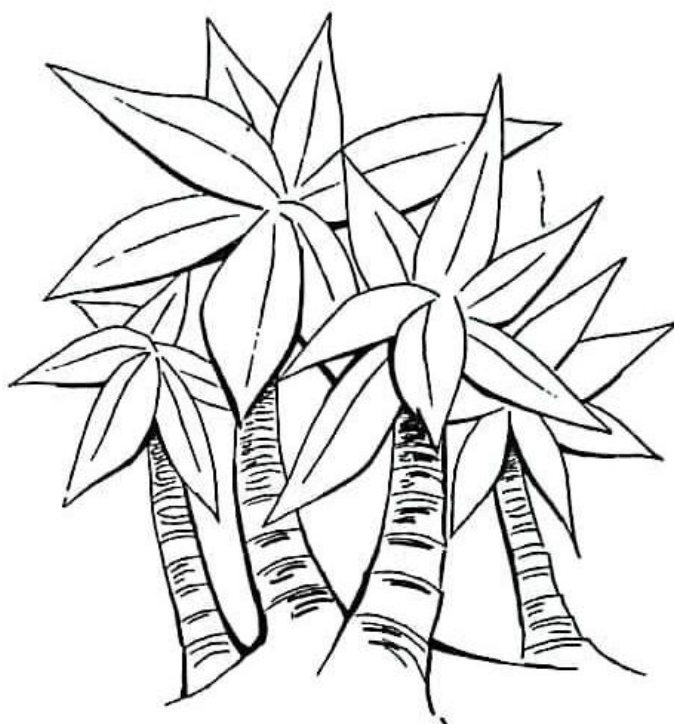
SOUSA, et al. **O projeto de alfabetização na educação de jovens e adultos: contribuições do PET/Conexões de Saberes para a formação docente**. In: ____Educação popular, direitos humanos e educação de jovens e adultos no Projeto PET/Conexões de Saberes / Suelídia Maria Calaça, organizadora. – João Pessoa: Idea, 2020.

STRECK, Danilo R. *et al.* **Educação popular e docência**. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

ANEXOS

ANEXO 1 – Conto: As mil e uma noites

53 — AS MIL E UMA NOITES



Bem, nesse lugar apareceram quatro pés de palmeira — uma era o rei, a outra a rainha, a outra o príncipe e a outra a princesa. Ali era um reinado que tinha sido encantado. Tudo tinha desaparecido e o rei, a rainha, o príncipe e a princesa foram transformados nessas palmeiras. Agora, ali tinha um mistério: de noite era tudo silêncio, somente as quatro palmeiras, mas de dia era diferente, tudo se **per-fo-ma-va**, aparecia uma coisa nova...

Um dia, aquele lugar amanheceu **perfo-ma-do** em engenho — uns cortando cana, outros carregando nos animais, outros botando nas **moedeiras** do engenho, outros fazendo rapaduras, outros plantando cana, outros semeando, outros cobrindo aqueles reguinhos de

cana... O dia todinho naquele serviço. Anoiteceu, ficou aquele silêncio, nem o vento passava, tudo em silêncio. E as quatro palmeiras lá, olhando para o reinado encantado.

No outro dia amanheceu uma casa de farinha. Apresentou-se aquele roçadão de mandioca com aquela casa de farinha. E o povo todo trabalhando. Uns arrancavam mandioca, outros carregavam, chegavam, iam despejar naquela casa de farinha. Uns rapavam a mandioca, outros iam moer, outros imprensavam aquela massa. O dia todinho foi aquele serviço na casa de farinha. Anoiteceu, ficou tudo em silêncio, nem o vento passava. Tudo em silêncio... Desapareceu tudo. Só ficaram as palmeiras. Amanheceu o outro dia, apareceu um roçado de algodão, milho e feijão. Era uns apanhando algodão, outros feijão, outros quebrando milho e botando naquela **casona bem grande**, fazendo aqueles montes. Aquele serviço foi o dia todinho. Anoiteceu, tudo sumiu, ficou só o silêncio e aquelas quatro palmeiras. Ninguém ouvia nada.

No dia seguinte amanheceu um povoado — nem era muito pequeno nem grande. Tinha igreja com padre, cadeia, praças para o povo passear... Naquela igreja haja chegar gente! Era gente! Aquele pessoalzão sentado nas praças, esperando pela hora da missa. Chegou a hora da missa, entrou aquele povão todinho na igreja. Depois da missa o padre foi batizar os meninos — um salão cheio de meninos! Terminaram os batizados, o padre foi fazer os casamentos. Haja a chegar noiva, haja a chegar noiva para se casar. Acabaram os casamentos, começou a retreta — aquela música tocando e o pessoal passeando. Todo mundo passeando naquela cidadezinha, o dia todinho, o dia todinho. Anoiteceu, voltou o silêncio — nem o vento passava...

Aquele lugar **performou-se** num açude no outro dia. Aquele açude cheio de mulheres em redor levando roupa. Era uma chegando, outra saindo, aquelas barcas dentro d'água pescando. Aquilo, o dia todinho. Anoiteceu, pronto — ficou o silêncio. Aquelas quatro palmeiras naquele deserto e mais nada...

Passou-se mais uma noite, veio o dia. Esse lugar **performou-se** numa cadeia de presos. Aqueles guardas trazendo aqueles presos para a cadeia o dia todinho. Anoiteceu, ficou o silêncio...

Agora, no outro dia apareceu o Inferno. Ah! Aquela casa **monstra!** Maldita! Tochas de fogo deste tamanho... aquelas tachas fervendo chumbo derretido! Aquelas tachas deste tamanho! E entrando aqueles cães de toda qualidade. Era cão pequinininho, era cão grande, de todo tamanho. Uns cães tinham chifres de fogo; outros, aquela lingueta de fogo que saía pela boca. Eram aquelas alminhas todas viradas

em cães. E quando sacudiam aqueles cães naquelas tachas de fogo, eles gritavam lá dentro assim:

— Quem me vale!

Isso foi o dia todinho no Inferno — entrando alma virada em cão e sendo sacudida nas tachas de fogo.

Anoiteceu, tudo novamente desapareceu. Ficou o silêncio e as quatro palmeiras...

O céu apresentou-se no outro dia. Aquela casa bem grande, bem bonita, com as portas azuladas. Ao redor, cheio de anjos — aqueles anjinhos todos com as mãozinhas postas! Aqueles santos bonitos, aqueles altares bem preparados, cheios de flores de todas as qualidades... Era muita boniteza naquela casa, muito bonita! Muita riqueza! Aqueles mesas grandes, bem preparadas, bem arrumadas, cheias de anjos ao redor — aqueles anjinhos tocando ao redor da mesa: uns tocando, outros com as mãozinhas postas. E as almas chegando. São Pedro na porta, com a chave da Igreja. A uma ele abria a porta para entrar, a outra ele não abria aquela porta. Só entrava ali quem São Pedro quisesse. Agora chegavam umas almas entravam, outras voltavam que não tinham licença para entrar no Céu. Isso o dia todinho. Terminou-se. Anoiteceu, ficou o silêncio — nem o vento passava...

Agora vai chegar o mar. No outro dia amanheceu **performedo** o mar — um mar que não tinha fim. Naquele mar cheio de barcaças enfeitadas vinham aqueles navios de guerra embandeirados — e era aquela festona dentro do mar! Dentro daqueles navios uns tocavam, outros dançavam, outros soltavam fogos... O dia todinho!

E o rei, a rainha, o príncipe e a princesa vinham no navio de guerra da frente. Todos **espadeando** assim, apontando assim para aquele reinado, que aquele reinado era desse rei e foi tomado e encantado. Foi assim...

Anoiteceu. Ficou o silêncio — nem o vento passava. Ficaram lá, naquele deserto, as quatro palmeiras encantadas... No outro dia tudo ia se transformar novamente.

Nesse lugar ainda continua esse mistério...